



9

POTENCIALIDADES DA MEDIAÇÃO INTERCULTURAL NO 4º ANO DO ENSINO BÁSICO

POTENTIALITIES OF INTERCULTURAL MEDIATION IN THE 4TH GRADE OF PRIMARY EDUCATION

Inês Rodrigues da Cunha⁷⁷, Teresa Vilaça⁷⁸, Cristina Canelas⁷⁹

Resumo

A escola é um espaço de cruzamento de culturas, onde a diversidade impera. Nos dias que correm, cada vez mais encontramos meios escolares onde se inserem crianças únicas, portadoras de uma individualidade que caracteriza a sua cultura de origem. Deste modo, a mediação intercultural apresenta-se como uma forte aliada dos espaços escolares, na medida em que impulsiona a criação de laços entre as diferentes culturas, esbatendo as diferenças que daí advêm. Frente a tal premissa, emerge o projeto de estágio intitulado por “Um Mundo Sem Igual – Desafios da Mediação Intercultural”, do Mestrado de Mediação Educacional, do Instituto de Educação, da Universidade do Minho, que surgiu a partir de uma ambição pessoal: a de promover uma melhor convivência entre pessoas de diferentes culturas. Assim sendo, o presente projeto de investigação e intervenção visa responder à seguinte questão: Como é que a mediação intercultural contribui para que as crianças do 4º ano do ensino básico lidem com as diferenças culturais existentes na turma? Participaram no projeto crianças de idades compreendidas entre os nove e onze anos de idade, que frequentam o 4º ano de escolaridade de uma escola de Braga. Os dados sobre a prática foram recolhidos através de uma entrevista semiestruturada aos alunos no início e no final do projeto, diários de bordo da investigadora e análise dos documentos produzidos durante o projeto. A análise de conteúdo dos dados recolhidos permitiu observar que os alunos envolvidos aprofundaram o seu conhecimento sobre os países dos colegas que não nasceram em Portugal. Também se observou a existência de alguns preconceitos relacionados com as pessoas de outros países, que diminuíram com este projeto, e uma evolução nos alunos das competências de escuta ativa, empatia e respeito pelos outros.

Palavras-chave: Cultura; Escola; Mediação Intercultural.

Abstract

School is a place where cultures cross, and diversity remains supreme. Nowadays, we increasingly find school environments where children are unique, carrying an individuality which characterizes their culture of origin. Therefore, intercultural mediation is a strong ally for school spaces, as it encourages the creation of bonds between different cultures, blurring the differences that arise from it. In the light of this premise, the internship project untitled "A World Without Equals - Challenges of Intercultural Mediation" has appeared from the Educational Mediation Master's Degree, from the Institute of Education, University of Minho, which emerged from a personal ambition: to promote a better coexistence between people from different cultures. Therefore, the present research and intervention project aims to answer the following question: How does intercultural mediation contribute to the children of the 4th grade of basic education dealing with

⁷⁷ Estudante do Mestrado em Mediação Educacional, Universidade do Minho, Portugal, inescunha1998@live.com.pt

⁷⁸ Professora Auxiliar, investigadora integrada do CIEC, Universidade do Minho, Portugal, tvilaca@ie.uminho.pt

⁷⁹ Psicóloga, canelasc@gmail.com

the cultural differences existing in the classroom? Children aged between nine and eleven years old attending the 4th grade at a school in Braga have participated in the project. Data of the practice were collected through a semi-structured interview to the students at the beginning and at the end of the project, logbooks of the researcher and analysis of the documents produced during the project. The content analysis of the collected data showed that the students involved have deepened their knowledge about the countries of their peers who were not born in Portugal. It was also observed the existence of some prejudices related to people from other countries, which decreased throughout this project, and an evolution in students active listening skills, empathy and respect for others.

Keywords: Culture; School; Intercultural Mediation.

Introdução

A Mediação Intercultural, como uma modalidade da mediação, tem-se vindo a manifestar e a alcançar um crescimento exponencial no âmbito das sociedades atuais, uma vez que promove um espaço de interação positiva entre os demais atores sociais, onde o conhecimento pelo outro, a criação de pontes entre as culturas e a construção de diálogos interculturais abre portas para sociedades mais pacíficas e inclusivas. Deste modo, o enquadramento deste tipo de mediação em locais onde a diversidade cultural existe é fundamental para que se criem ambientes mais inclusivos e empáticos. Face ao exposto, podemos considerar o espaço escolar como sendo um desses locais, dado que propicia um cruzamento interétnico e intercultural. Assim sendo, e tendo em atenção as conjeturas atuais acerca do tratamento de crianças de outras culturas e etnias dentro dos espaços escolares, é preponderante que se eduque as crianças para abraçarem as diferenças culturais para que no futuro as perspetivem como características que tornam cada ser humano único e especial.

Tendo em consideração tudo aquilo que foi mencionado anteriormente, o presente estudo pretende analisar alguns dos resultados do projeto de estágio, denominado por “Um Mundo Sem Igual”, que foi elaborado no âmbito da área de especialização em Mediação Intercultural, numa escola primária de um agrupamento de escolas do concelho de Braga. Neste sentido, não posso deixar de referir que para além deste estágio ser uma oportunidade de crescimento pessoal enquanto futura mestre em mediação, é também um espaço de reflexão acerca da inclusão das diferentes culturas em meio escolar. Por essa mesma razão, este projeto de investigação e intervenção visa responder à seguinte questão: Como é que a mediação intercultural contribui para que as crianças do 4ºano do ensino básico lidem com as diferenças culturais existentes na turma? De forma a responder a este problema, foram estabelecidos alguns objetivos, que irão orientar esta apresentação: i) refletir sobre o reforço dos laços de amizade entre os participantes;

ii) refletir sobre o reforço das aprendizagens dos alunos face às questões culturais; e iii) analisar a criação de uma relação de proximidade com a mediadora intercultural.

Problematização Teórica

A Escola e a Diversidade Cultural – Abordagem para uma Visão Inclusiva

A Escola é, de acordo com a Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), a principal instituição com o objetivo de educar e preparar os indivíduos para uma vida em sociedade. Neste sentido, deve preconizar o “(...) desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, respeitador dos outros e das suas ideias, aberto ao diálogo e à livre troca de ideias (...)” (Decreto Lei no 46/86 de 14 de outubro da Lei de Bases do Sistema Educativo de 1986), para que seja possível formar cidadãos, que através do espírito crítico e criativo, sejam capazes de refletir sobre o meio onde estão inseridos e transformá-lo. Neste sentido, é possível afirmar que esta instituição é o principal ambiente socializador da criança, uma vez que permite que as crianças e adolescentes tenham oportunidade para se desenvolverem no espaço de conhecimento, ou seja, para desenvolverem as suas dimensões sociais, morais e éticas através das relações com os amigos, professores, com o espaço e a com a cultura onde estão integrados. Portanto, a escola tem até aos dias de hoje a função de ser um elo entre a família, a cultura e a comunidade.

Atualmente, a escola, enquanto instituição social, tem manifestado uma crescente necessidade em adotar uma dimensão social, uma vez que numa era em que a globalização esbateu as fronteiras entre culturas, costumes e tradições, as transformações sociais desafiam as pessoas a aceitarem a diferença e a diversidade. Neste sentido, e de acordo com o objetivo quatro da Agenda 2030, pretende-se que todos os alunos tenham possibilidade de adquirir os conhecimentos e as habilidades necessárias que lhes permitam, entre outras coisas, promover uma cultura de paz, valorizando a diversidade cultural. Para além do mais, o 10º objetivo da Declaração dos Direitos das Crianças defende que toda e qualquer criança deva ser protegida da discriminação racial, religiosa ou outra, devendo ser educada num ambiente harmonioso, de união, de compreensão e de tolerância. Portanto, se o objetivo da educação é formar alunos enquanto futuros cidadãos do mundo, não se pode focar exclusivamente na transmissão de conhecimentos ao nível do ensino, propriamente dito, devendo preconizar o ensinamento de conhecimentos que permitam aos alunos reconstruir mentalidades e refletir sobre o mundo que os rodeia.

Neste sentido, importa que a escola assuma o papel de ser para todos e de o ser concretamente, o que pressupõe a existência da necessidade desta instituição ser desafiada, tanto quanto possível, a repensar as suas estratégias, de modo a conseguir acolher todos os alunos com todas as suas características. Assim sendo, compreende-se que “o reconhecimento da diversidade cultural pela cultura escolar implica mudar não apenas as intenções do que se quer transmitir, mas os processos internos que são desenvolvidos” (Cecchetti, 2008, p.81). Face ao exposto, entende-se que a escola deve procurar “(...) dar resposta à realidade pluricultural que constitui a população escolar (...)” (Rodrigues, 2013, p.15) para encontrar pontos de conexão entre a sua ação, o meio envolvente e os grupos sociais.

De acordo com o supramencionado, considero que a educação não pode ser pensada como um fenómeno circunstancial, mas sim permanente, pelo que é basilar reconhecer modelos de intervenção que permitam mudar as práticas e atitudes. Neste sentido, é importante pensarmos numa educação intercultural inclusiva, que respeite a diversidade cultural existente em meio escolar e que compreenda que existirá sempre a necessidade de se “dar o braço a torcer”, para que todos se assumam como parte integrante da escola e vejam os seus interesses contemplados nesse espaço. Por esta mesma razão, a educação intercultural, enquanto promotora do reconhecimento, da valorização da diversidade como oportunidade e como fonte de aprendizagem para todos e do respeito pela multiculturalidade das sociedades atuais, deve desenvolver a capacidade de comunicação e incentivo à interação social, de forma a criar um sentido de identidade e de pertença comum à humanidade (Direção-Geral da Educação, 2012). Assim, esta vertente de educação emancipatória deverá respeitar e promover os direitos humanos, articulando questões relativas à diferença e igualdade (Candau, 2008). Neste sentido, acaba por adotar a posição que procuramos, já que se torna num espaço de difusão de cultura e não de castração da mesma.

Em conclusão, é fundamental que a escola reconheça as características culturais dos grupos que a compõe, para que compreenda os seus valores e formas de viver. Desta forma, o contexto escolar será capaz de repensar o currículo e de ir ao encontro das necessidades das minorias. Além do mais, sendo a educação um fio condutor para a cultura e vice-versa, então a adoção da educação intercultural permite democratizar a cultura. Através desta última, criam-se condições que tornam possível o acesso e a distribuição da cultura por todos, quebrando a barreira entre nós e eles, para passarmos a ser um todo.

O Contributo da Mediação Intercultural para a Compreensão da Diversidade em Contexto Educativo

Mediação – Uma Análise ao Conceito

De acordo com Torremorell (2008), a mediação, em sentido lato, corresponde a um método alternativo de resolução de conflitos, que preconiza a obtenção de um acordo de forma pacífica. Assim sendo, compreende-se, segundo a autora, que este conceito surja como forma de evitar ou de resolver problemas e conflitos, pelo que pressupõe a existência ou emergência de um conflito entre pessoas ou organizações. Neste sentido, implica a presença de uma terceira pessoa neutra, sem poder no processo de negociação, denominado por mediador, que intervém no processo com o intuito de reestabelecer as comunicações entre as partes em conflito. De acordo com o supramencionado, é possível afirmar que a mediação é um processo que procura, através da comunicação e da escuta ativa, resolver positivamente os conflitos. Por esta mesma razão, os intervenientes do processo são os agentes da mudança e o mediador atua como um facilitador, uma ponte, capaz de garantir a compreensão do conflito pelas partes e a descoberta de uma solução favorável a todos. Assim sendo, é um processo que promove a transformação e que fomenta o crescimento moral, gerando revalorizações e reconhecimentos (Vieira & Vieira, 2017).

Em linhas gerais, a mediação corresponde a um processo essencial e não apenas a uma alternativa a outros métodos, porque as suas especificidades tornam-na única. Para além disto, torna as pessoas mais capazes de atuar construtivamente no seu meio social, influenciando-os a usar a sua força pessoal. Assim, distingue-se das outras técnicas de resolução de conflitos, já que o acordo é decidido unicamente pelas partes em conflito, procurando que todos saiam vencedores.

Mediação Intercultural – Um Estado de Arte

A complexificação das sociedades é, cada vez mais, uma realidade a que assistimos diariamente. É algo que se entranha por todas as valências sociais e se difunde, traduzindo-se num emaranhado de mudanças significativas. Se pensarmos nestas mudanças numa perspetiva social, rapidamente nos apercebemos de que não existe uma sintonia clara entre os atores sociais, uma vez que as mutações constantes a que estão sujeitos, levam a que a realidade seja sempre incerta, tornando difícil o seu papel no mundo, para consigo e para com os outros. Neste sentido, essa incerteza traduz-se na confrontação de ideais, de valores, de crenças, de formas de pensar,

de agir e de viver, que muitas vezes vão contra aquilo que as pessoas defenderam durante uma vida.

Tendo em consideração o anterior, importa responder à seguinte questão: “De que forma é que podemos atuar, em conformidade com estas alterações, sem comprometermos o princípio de criação de um ambiente justo e equitativo? A resposta a esta questão não é tão linear quanto se possa pensar, porque não existe uma solução 100% viável. Assim sendo, convém que se equacionem respostas criativas, para que se possa promover esse ambiente justo e inclusivo, sem colocar de parte a comunicação entre todos (Pare, Escute, Olhe, 2015). Face ao exposto, contemplo a mediação intercultural e apercebo-me de pode ser uma forte aliada nestes contextos, já que é “(...) uma prática catalisadora da diversidade, que aposta nas dimensões preventiva, empoderadora, transformadora dos atores (...)” (Simões et al., 2018, p.55). Além do mais, e de acordo com Giménez (1991), este conceito é ainda uma

(...) modalidade de intervenção de terceiras partes, em e sobre situações sociais de multiculturalismo significativo, orientadas para a conquista do reconhecimento do Outro e a aproximação das partes, a comunicação e a compreensão mútua, a aprendizagem e o desenvolvimento da convivência, a regulação dos conflitos e a adaptação institucional, entre os atores sociais ou institucionais etnoculturalmente diferenciados. (Giménez, 1997, p.142)

No seguimento do anterior, Giménez (1997) argumenta que é possível compreender que a mediação intercultural tem em mãos a difícil tarefa de incluir interculturalmente o outro, tornando-se multifatorial, e fá-lo com base na valorização e no reconhecimento da diferença, assim como na aproximação de sujeitos culturalmente diferentes ou de culturas diversificadas, no estabelecimento de vias de comunicação capazes de fomentar a compreensão sobre o outro e na criação de uma convivência pacífica entre todos. Portanto, acaba por se traduzir num veículo versátil, que tem a capacidade de se adequar às diferentes realidades com que se depara, definindo-se como uma das possíveis respostas criativas, que defendia anteriormente. Neste seguimento, importa salientar a importância da figura do mediador intercultural neste processo, uma vez que as suas funções ultrapassam a ideia de arbitragem de um conflito entre duas partes. Exigir essa postura a um mediador intercultural, é colocá-lo à margem do próprio processo, porque a sua intervenção, a sua ligação com o meio intercultural é que lhe permite analisar e refletir sobre as suas possibilidades de atuação.

De acordo com o supramencionado, considero que é quase como se a mediação intercultural assumisse a forma de uma linha, que com o apoio de uma agulha, tenta unir os diferentes pedaços de tecido, tendo sempre em consideração a constituição de cada um. Assim,

promove a existência de relações cooperativas e a criação de laços entre diferentes, sem pretender que se tornem iguais. Acaba por ser uma forma de mediação, que abraça a singularidade e que, por meio da simplificação da comunicação e da participação de todos, é capaz de criar soluções benéficas para todas as partes.

As Potencialidades da Mediação Intercultural num Ambiente Escolar Culturalmente Diversificado

Como fui problematizando nos pontos anteriores, a escola tem um papel importantíssimo na formação dos alunos, que ao mesmo tempo se torna complicado quando o analisarmos através de uma perspectiva social e cultural. A realidade é que, por meio do contacto com a família, enquanto primeiro agente socializador, as crianças adquirem valores, aptidões e ideologias diversos. Portanto, a partir do momento em que ingressam na escola, não podem ser consideradas como livros em branco. Neste sentido, o papel da escola deve ser assumido com base neste pressuposto, ou seja, o meio escolar deve tomar consciência da diversidade cultural que alberga, intervindo positivamente na formação de cidadãos conscientes e compreensivos face às diferenças culturais. Ao ser assim, podemos afirmar que a escola é o primeiro contacto que as crianças estabelecem com a diversidade cultural, traduzindo-se num choque de culturas, que deve ser minimizado, pois como refere Bernstein (1996): “Para que a criança possa assimilar a cultura da escola, é necessário que a escola consiga assimilar a cultura da criança” (p.2). Face ao exposto, a mediação intercultural é a aliada perfeita da escola, por criar mecanismos que aproximam os sujeitos de culturas diferentes e que lhes incutem valores de igualdade, fraternidade e de pertença.

Tendo em consideração tudo aquilo que foi supramencionado, não posso deixar de lançar a seguinte questão: Mas afinal quais são as potencialidades da mediação intercultural num ambiente escolar culturalmente diversificado? Se pensarmos na mediação intercultural como uma equação matemática, a resposta é simples. Vejamos: se tivermos a seguinte equação “ $ax+by=c$ ”, e considerarmos que “ ax ” é o sujeito, “ bx ” é a escola e “ c ” é a identidade que o sujeito adquire através da união das anteriores, então a mediação intercultural diz respeito à operação “+”, que gera um produto. Assim sendo, a mediação intercultural é o processo pelo qual conseguimos criar uma agregação, uma união de dois pontos distintos, que compartilham um resultado comum. Assim, uma das potencialidades da mediação é a de prevenir, transformar, reabilitar e autonomizar (Vieira & Vieira, 2017) as relações entre os alunos culturalmente diversificados, de

modo que exista uma maior coesão social dentro do espaço escolar, como consequência de uma melhor convivência entre todos.

Uma outra potencialidade da mediação intercultural em meio escolar, passa por reconhecer o conflito cultural dos alunos como uma “oportunidade para o crescimento moral” (Giménez, 2001, p.74), de forma a transformar e melhorar a sua relação (Giménez, 2001) para que se vejam como seres idênticos, portadores de uma cultura que os caracteriza. Deste modo, estamos perante outra potencialidade da mediação intercultural, a de alcançarmos uma melhor comunicação e uma relação interétnica mais adequada e não centrada na “ignorância, rejeição, discriminação, preconceito” (Giménez, 2001, p.75), pressupondo um enfoque transformativo de “dever ser” (Giménez, 2001).

Em linhas gerais, considero que a introdução de qualquer tipo de mediação em contexto escolar e, em particular da mediação intercultural, é uma mais valia para todos aqueles que convivem nestes ambientes, porque cada vez mais temos espaços escolares onde a diversidade impera. Apesar de estarmos cada vez mais dotados para convivermos com culturas distintas, ainda existe um longo percurso de inclusão e de aceitação plena destes indivíduos. Do meu ponto de vista, a escola é basilar para alterar o tipo de mentalidade a que assistimos nos dias que correm, porque não importa formar sujeitos ao nível do conhecimento, se depois não adquirem competências para serem cidadãos conscientes, que saibam refletir acerca das questões da cultura, da diferença, do racismo, da discriminação, da intolerância, etc. Afinal, as crianças são o futuro do nosso mundo e cabe-nos a nós, enquanto adultos, enquanto educadores, tentar que os erros que foram cometidos no passado, não se estendam pelas gerações vindouras e semeiem o medo e o ódio. Devemos preconizar uma cultura de paz, onde todos se revejam uns nos outros e compreendam que todos somos seres humanos, independentemente da nossa origem, da nossa cor, da nossa língua ou da nossa cultura.

Método

Metodologia de Intervenção e Avaliação

O presente projeto de intervenção, denominado por “Um Mundo sem Igual”, teve como principal foco compreender como é que a mediação intercultural podia contribuir para que crianças que frequentavam uma turma de 4º ano, culturalmente diversificada, lidassem com as diferenças culturais existentes na turma. Assim sendo, e tendo em consideração as características

dos intervenientes, a metodologia que mais se ajustou a esta intervenção foi a mediação transformativa, uma vez que permitiu empoderar os intervenientes a criar laços de amizade saudáveis e não discriminatórios.

Numa parte inicial deste projeto, parti em busca da identificação da situação-problema. Para tal recorri a alguma recolha de dados através da observação participante, onde analisei os comportamentos dos alunos dentro e fora da sala de aula, bem como as relações de amizade que eram estabelecidas. Aliada a esta recolha de dados, utilizei os diários de bordo, que me permitiram registar as questões salientadas anteriormente, bem como refletir acerca delas. Para além do mais, também recorri às conversas informais com os alunos durante os intervalos, para os conhecer melhor e compreender as dinâmicas estabelecidas. Recorri ainda, a uma entrevista semiestruturada, realizada no início do projeto, para aferir os conhecimentos que os alunos tinham sobre outras culturas, bem como os interesses subjacentes a essas mesmas culturas.

Depois deste primeiro momento, comecei a esboçar o plano de ação que melhor se enquadrava neste contexto, tendo em consideração as necessidades do grupo com quem estava a desenvolver o projeto. Assim sendo, delineei as atividades tendo em consideração três eixos: o alargamento de conhecimento face à diversidade cultural; as dificuldades dos alunos face a determinados tipos de aprendizagem; e o estabelecimento de ligações de amizade ricas e saudáveis.

Inicialmente, o plano de atividades (Quadro 1 e Quadro 2) foi elaborado a partir de dois eixos centrais: “Eu, Tu e Nós” e “Uma Viagem há Volta do Mundo”. Neste sentido, foram criadas 10 sessões, de carácter semanal, com duração de cerca de 1h30m, que integravam os dois eixos. Face ao exposto, não posso deixar de mencionar que grande parte das atividades sofreram algumas alterações, sendo que cerca de duas ou três foram alvo de uma reestruturação. Isto aconteceu porque ao longo do tempo fui-me apercebendo de determinados aspetos que tinham de ser alterados nas atividades futuras, para que existisse uma evolução na implementação do projeto. Para tal, a utilização dos diários de bordo e a aplicação dos cartões de avaliação da sessão preenchidos pelos alunos, foram uma mais valia, já que me possibilitaram refletir criticamente sobre o projeto, tornando-me ainda mais resiliente e criativa.

As atividades implementadas a partir do Eixo 1 (Quadro 1), foram criadas com o intuito de seguirem uma trajetória com paragens obrigatórias, ou seja, a sua conjugação seguia uma linha de pensamento contínuo. Por exemplo, na primeira sessão os alunos tiveram de tomar uma posição de acordo com as suas preferências, estimulando a reflexão sobre as diferenças e

semelhanças existentes na turma; na segunda sessão, os alunos refletiram sobre o impacto que determinadas ações podem ter no outro; na terceira sessão, os alunos refletiram sobre a designação de determinados conceitos como racismo, preconceito, tolerância e intolerância e aprofundaram-nos através da leitura do livro “As crianças e o mundo – Racismo e Intolerância” de Louise Spilsbury e Hanane Kai; na quarta sessão, os alunos partilharam momentos da sua vida em que foram alvo de racismo, discriminação ou intolerância. Depois fizeram um desenho onde explicaram o que entendiam por racismo e/ou preconceito e lemos a compilação de bandas desenhadas do “Racista, eu?”.

Quadro 1. *Esquema do Plano de Atividades do Eixo 1 - “Eu, Tu e Nós”*

Eixos	Objetivos	Atividades
“Eu, Tu e Nós”	- Promover o respeito pela diferença; - Estimular a reflexão sobre as diferenças e semelhanças existentes entre os alunos.	“A Diferença que nos Une”
	- Fomentar o respeito pelo outro; - Promover uma melhor convivência entre os participantes.	“O Feitiço contra o Feiticeiro”
	- Debater sobre conceitos relevantes às questões culturais; - Fomentar o espírito de equipa; - Impulsionar a reflexão crítica; - Aprofundar matéria lecionada nas aulas de Português.	“Partilha-Palavras
	- Fomentar a empatia com as vítimas de racismo e preconceito; - Desenvolver o respeito pelo outro e prevenir atos discriminatórios e preconceituosos.	“Um Mundo Ideal”

Nas atividades implementadas no Eixo 2 (Quadro 2), os alunos tiveram a oportunidade de conhecer várias partes do mundo (referentes às nacionalidades existentes na turma) sem saírem do seu lugar. Na quinta sessão, os alunos partilharam com os colegas como era viver no seu país de origem e fizeram um texto e um desenho relativo a isso; na sexta sessão, partimos à descoberta das diferentes brincadeiras e jogos de cada um dos países; na sétima sessão, elaboramos um livro de receitas brasileiras, portuguesas, africanas e francesas; na oitava sessão, lemos vários contos tradicionais referentes às nacionalidades existentes na turma, os alunos responderam a algumas questões através de fichas de trabalho e refletimos sobre os pontos fulcrais dos textos por meio de pequenas atividades lúdicas; na nona sessão, os alunos fizeram instrumentos musicais com materiais reciclados referentes às nacionalidades mencionadas anteriormente e na décima sessão, fizeram uma caça ao tesouro, que aglomerava um pouco de todas as sessões anteriores.

Quadro 2. Esquema do Plano de Atividades do Eixo 2 - “Uma Viagem há Volta do Mundo”

Eixos	Objetivos	Atividades
“Uma Viagem há Volta do Mundo”	- Ampliar o conhecimento acerca dos modos de vida de pessoas de outros países.	“Um dia no meu país de origem”
	- Ampliar o conhecimento acerca de brincadeiras de outros países.	“Brincar pelo Mundo”
	- Ampliar o conhecimento acerca dos pratos típicos de outros países.	“Sabores do Mundo”
	- Ampliar o conhecimento acerca de contos tradicionais de outros países; - Exercitar a leitura do português; - Promover a interpretação e compreensão de textos; - Fomentar a escuta ativa.	“Histórias do Mundo”
	- Desenvolver a criatividade; - Ampliar o conhecimento acerca de instrumentos de outros países.	“Pelos Sons do Mundo”
	- Refletir acerca dos conhecimentos adquiridos nas sessões anteriores.	Caça ao Tesouro

Métodos e Técnicas de Recolha de Dados

A avaliação da presente intervenção esteve centrada em 3 focos: os diários de bordo preenchidos pela mediadora (primeira autora deste capítulo), os cartões de avaliação das atividades preenchidos pelos alunos e um relatório de avaliação global das atividades preenchido pela professora que acompanhava a turma durante o seu trabalho com a mediadora.

Relativamente aos diários de bordo, a reflexão crítica que levei a cabo permitiu-me avaliar globalmente cada uma das sessões, fosse individualmente ou por grupo, proporcionando uma reflexão acerca daquilo que foi levado a cabo e do que poderia ser melhorado nas sessões futuras.

No que concerne aos cartões de avaliação, criados pela mediadora, estes eram entregues aos alunos no final de cada uma das sessões, com o objetivo de avaliarem a atividade que realizaram através de dois parâmetros: no primeiro tinham de selecionar se tinham gostado, ou não, da atividade e, no segundo, tinham de justificar a resposta anterior (Figura 1).

O cartão de avaliação tem um fundo azul claro com nuvens brancas e estrelas. No topo, o título "AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE Nº" está em letras vermelhas e amarelas. Abaixo dele, a primeira pergunta é "1. Gostaste da sessão de hoje? Pinta a opção que escolheres." e há dois ícones de mãos: uma apontando para cima (Sim) e uma apontando para baixo (Não). A segunda pergunta é "2. Justifica a opção que pintaste anteriormente." e há duas linhas brancas para escrever. Na base do cartão, há dois campos para "Nome do animal com que te identificas:" e "Idade:". Um arco-íris decorativo está no canto inferior direito.

Figura 1. Instrumento de avaliação a ser preenchido pelos alunos

É de salientar que no preenchimento dos diários de bordo e dos cartões foram atribuídos nomes fictícios aos alunos, para não colocar em risco a sua identidade e para respeitar as questões de ética em Ciências Sociais e Humanas.

Na avaliação global das atividades realizada pela professora que acompanhava a turma, foi feita uma avaliação geral das atividades, tendo em consideração aquilo que foi planificado para cada uma das atividades e o modo como foram levadas a cabo, para fazer possíveis sugestões de melhoria.

Caracterização dos Participantes na Intervenção

No início deste projeto participavam 23 alunos, quatro eram de nacionalidade portuguesa (sendo que 3 eram de etnia cigana), um de nacionalidade francesa, um de nacionalidade angolana, um de nacionalidade cabo-verdiana, um de nacionalidade moçambicana e os restantes de nacionalidade brasileira. Além do mais, 11 dos participantes envolvidos eram do sexo feminino e 12 eram do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 8 e 11 anos.

Todavia, ao longo do ano alguns alunos saíram da turma, por deixarem de habitar no concelho de Braga, dando lugar a outros. Neste sentido, numa parte mais final do projeto participaram 19 alunos, com idades compreendidas entre os 9 e 12 anos de idade. As nacionalidades mantinham-se, com exceção da nacionalidade moçambicana. Além disso, passamos a ter 8 participantes do sexo feminino e 11 participantes do sexo masculino.

Resultados

Reforço Dos Laços De Amizade Entre Os Participantes

Inicialmente, pude compreender que nem todos os alunos se conheciam, uma vez que vinham de diferentes escolas que compõem o agrupamento ou chegavam de outros países, como mostra o extrato do Diário de Bordo (DB) seguinte:

No decorrer da aula, chegou um novo colega da turma, o A. O momento de chegada do aluno causou alvoroço na turma. Os alunos deixaram a tarefa que estavam a fazer por concluir e iniciaram-se imensas conversas paralelas. Exemplo disso são os alunos B e C e D e E que conversam a todo o momento.

Na altura do intervalo, os alunos foram encaminhados para o recreio. Infelizmente, por ser o meu primeiro dia na escola fui para a sala dos professores para que o corpo docente me conhecesse, o que me impossibilitou observar as interações dos alunos nos momentos de lazer. Contudo, no início da aula os alunos comentaram aquilo que fizeram no recreio e disseram que o colega A não se mostrou interessado em brincar com eles. A partir desta afirmação e da justificação do próprio A, apercebi-me de que as crianças

não demonstraram muito interesse em compreender o porquê de o menino não querer brincar com eles, o que os levou a “abandoná-lo” no recreio. (DB, 19/10/2020)

Por esta mesma razão, senti uma necessidade ainda maior de os colocar em sintonia, de lhes proporcionar momentos em que se pudessem conhecer melhor e estreitar os laços de amizade.

Ao longo das sessões, fui recolhendo evidências de que começou a existir um espírito de união entre a turma, do reforço dos laços de amizades e da criação de novos laços, como evidencio em seguida:

o facto de os alunos terem de amachucar uma folha que exemplificava o colega do lado, levou-os a refletir sobre o valor da amizade e da empatia. Neste sentido, alguns alunos até se recusaram a amachucar o papel, justificando que não o poderiam fazer por ser o seu colega/amigo. (DB, 21/01/2021)

Além disso, observei que esses laços eram genuínos aquando da saída de alguns alunos da turma por razões familiares.

Também observei que os alunos estavam mais sensíveis à questão da empatia, porque numa das atividades que realizei com os alunos havia a chamada “Caixa do Perdão”. Através desta caixa, os alunos tinham a oportunidade de escrever um pedido de desculpas a alguém que lhes fosse próximo. Vários alunos pediram desculpas, alguns quiseram partilhá-las em voz alta e, a maior parte, só quis colocar o pedido de desculpas na caixa. Um dos alunos decidiu pedir desculpa a um outro aluno, por não lhe ter emprestado a bola no recreio e ter sido rude no tratamento.

Tivemos a partilha de três pedidos de desculpas: a do F que escreveu o pedido para a mãe e a irmã por uma brincadeira maldosa que fez; a do G que pediu desculpas a um colega da sala de aula, o H e a da I que tinha dado uma chapada a uma colega sem querer. Os restantes alunos apenas quiseram colocar o cartão dobrado em forma de envelope dentro da “Caixa do Perdão”, para verem o seu erro desculpado. (DB, 28/05/2021)

Para além daquilo que foi salientado, numa fase mais inicial do projeto apercebia-me de que os alunos tinham o hábito de brincar por grupos e que não eram flexíveis quando outro colega tentava entrar na brincadeira. Todavia, numa fase mais avançada do projeto foi visível que os alunos já brincavam enquanto grupo turma e não tanto enquanto pequenos grupos, o que também é um ponto positivo.

Reforço das Aprendizagens dos Alunos Face às Questões Culturais

Numa fase inicial do projeto realizei alguns grupos focais com alunos, que me fizeram refletir sobre a orientação que daria a todo o projeto. Neste sentido, importa mencionar que os alunos tinham conhecimento sobre o mundo que os rodeia, como ilustra o excerto seguinte:

apercebi-me de que na sua generalidade os alunos tinham noção dos subtemas que estavam a ser apresentados. E apercebi-me disso, através das respostas que me davam e dos elementos que introduziam à conversa, uma vez que era perceptível o entendimento que detêm acerca do mundo que os rodeia” (Grupo focal, 30/11/2020)

Todavia, os alunos tiveram dificuldade quando discutimos acerca da gastronomia, da música, etc., o que me levou a concluir que seria interessante incluir atividades dinâmicas em volta destes temas. Além do mais, ao longo de algumas sessões mais temáticas em que falamos de alguns conceitos como racismo, discriminação, tolerância, intolerância, entre outros, era notável de que nem todos os alunos estavam familiarizados com estes vocábulos, pelo que foi fulcral criar as discussões em torno deles, pedindo-lhes que dessem a sua opinião e escutassem os colegas.

Relativamente ao conceito racismo, obtive distintas respostas: o J associou este vocábulo a “cor de pele” e “bullying”; O L a “preconceito” e “país”; a H a “origens”; a M a “diferenças” e “culturas”; o N a “diferenças”; o O a “homofobia” e a P a “demonstrar comportamentos”.

No que diz respeito a preconceito a Q associou a “tolerar opiniões”; o J a “tolerar os outros”; o O a “ser paciente”; a R a “respeitar as diferenças”; O S a “tolerar as ideias” e a “não fazer bullying”; a Q a “ser paciente com as pessoas”; a M a “ter respeito”; o H a “ter respeito pelos outros”; o N a “respeitar os outros”, “ouvir as pessoas” e “tratar bem as pessoas”; a T a “ser paciente com as pessoas”.

No que concerne a intolerância o J disse “não suportar o outro, erros e falhas de outra pessoa”; a L disse “não saber dos outros”; o O disse “não respeitar as preferências”; a Q associou a “não tolerar ninguém”; a R a “não suportar a opinião dos outros”; o TA a “não suportar a vida e dar um fim nela” e a M a “não suportar errar”.

Na sequência das atividades, os alunos começaram a mostrar algum pensamento crítico sobre situações de discriminação ou violência que tinham vivido:

Esta atividade proporcionou momentos emotivos no momento em que alguns dos alunos relataram situações em que se sentiram ofuscados por estes atos de violência emocional e por vezes até física e assumiram a importância do respeito por todos. (Relatório da Professora)

Ao colmatarmos estas dificuldades, as restantes atividades tiveram momentos onde os alunos já se demonstraram mais críticos e reflexivos, como foi o caso da atividade “Histórias do Mundo”, em que os alunos eram convidados a responder a algumas questões relacionadas com

o texto, isto é, em que facilmente encontravam as respostas no texto e outras questões de cariz reflexivo, que invocavam a temática geral sobre a qual o conto atuava.

Criação de uma Relação de Proximidade com a Mediadora Intercultural

Ao longo das sessões que compuseram este projeto, proporcionou-se a criação de laços de amizade entre os intervenientes e a mediadora intercultural e viam em mim alguém em quem podiam confiar.

Portanto, ao longo destas sessões os laços foram-se criando e estreitando e no final do projeto a maior parte dos alunos confidenciaram, num momento de despedida, que gostavam muito que continuasse com eles no próximo ano e que nunca iriam esquecer o projeto “Um Mundo sem Igual” por terem aprendido tanto e ter sido tão divertido. No fim do último DB (29/06/2021) escrevi, mostrando que partilho a mesma opinião dos alunos:

Em linhas gerais, a presente atividade foi a peça que faltava para terminarmos esta aventura da melhor maneira. Com amizade e empatia. Com trabalho de grupo e entreajuda. Com companheirismo. Com diversão e criatividade. Com perspicácia e empenho. Com aprendizagem e conhecimento. Com reflexão e entrega. Com despedida de um projeto que foi mais deles, os alunos, do que meu. Com amor, porque foi assim que o fiz de início a fim.

Considerações Finais

O estudo aqui apresentado demarca a necessidade de se incorporar a mediação intercultural em contexto escolar, porque cada vez mais assistimos a comunidades escolares com diferentes culturas.

Os resultados deste projeto mostram que o acompanhamento das crianças de diferentes culturas por parte de um mediador intercultural é uma mais valia para o seu desenvolvimento cognitivo e identitário, dado que se propiciam momentos de cruzamento de culturas, que ao invés de se traduzirem num choque entre culturas, originam uma união entre as mesmas. Assim sendo, existe um empoderamento das crianças, que se tornam mais reflexivas acerca do mundo que as rodeia, assim como ficam dotadas de competências que lhes permitem ver o Outro como seu par idêntico. Assim sendo, existe uma transformação dos alunos e uma revalorização da sua consciência sobre a valorização das outras culturas.

Com base nos resultados obtidos neste projeto, é possível afirmar que estes alunos aprenderam mais acerca de questões culturais, e adquiriram competências que lhes serão úteis para lidar com diferentes formas de discriminação ou de racismo, dentro e fora do espaço escolar.

Além disso, estes alunos reforçaram os laços de amizade com os colegas, esbatendo algumas das barreiras culturais que se faziam sentir no início do projeto, enaltecendo, ainda mais, a importância da mediação intercultural nestes contextos.

O presente projeto de intervenção sublinhou a necessidade da atuação de um profissional da área de mediação intercultural em meios escolares com uma acentuada diversidade cultural, uma vez que é urgente alterar mentalidades e demonstrar que a diversidade de culturas, de etnias, de pessoas, valores, ideais, etc. é que tornam o nosso mundo mais rico e mais belo. Neste sentido, a existência de um mediador, enquanto agente transformador, permite que se estabeleça uma ligação entre todos os pontos, tal como referi anteriormente quando equiparei a mediação a uma linha que costura diversos tecidos, formando um só.

Em suma, este estudo pode ser um contributo valioso se quisermos analisar as potencialidades da mediação intercultural em contexto escolar, que através de atividades lúdicas e criativas, pode ser capaz de gerar comportamentos positivos e inclusivos face às diferentes culturas nas turmas de todo o mundo.

Referências Bibliográficas

- Bernstein, B. (1996). *Pedagogy, Symbolic Control and Identity: Theory, Research, Critique* (pp. 54-59). Lanham, MD, United States: Rowman & Littlefield Publishers, Inc.
- Candau, V. M. (2008). Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. *Revista Brasileira de Educação*, 13, 45-185.
- Cecchetti, E. (2008). *Diversidade Cultural Religiosa na Cultura da Escola*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.
- Direção-Geral da Educação (2012, 18 Novembro). *Educação para a Cidadania – Linhas Orientadoras* [Web log post]. Retirado de <https://www.dge.mec.pt/educacao-para-cidadania-linhas-orientadoras-0>.
- Giménez, C. R. (1997). La naturaleza de la mediación intercultural. *Revista de Migraciones*, 2, 125-159.
- Giménez, C. R. (2001). Modelos de mediación y su aplicación en mediación intercultural. *Revista de Migraciones*, 10, 59-110.
- Torremorell, M. C. B. (2008). *Cultura de Mediação e Mudança Social*. Porto: Porto Editora.

- Rodrigues, P. C. R. (2013). *Multiculturalismo – A diversidade cultural na escola*. Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa, Portugal.
- Simões, P. e Vieira, A. M. (2018). Da mediação intercultural num GAAF. In Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A. & Margarido, C. (Eds.), *Da mediação intercultural à mediação comunitária: Estar dentro e estar fora para mediar e intervir* (pp. 45-60). Porto: Edições Afrontamento Lda.
- Vieira, R. & Vieira, A. (2017). Construindo pontes e travessias: das mediações sociais à mediação intercultural. *Revista medi@ções*, 1(5), 44-54.

Legislação Consultada

- Decreto Lei n.º 46/86 de 14 de Outubro da Lei de Bases do Sistema Educativo*. Diário da República: I Série, No 237 (1986). Acedido a 13 de nov. 2020. Disponível em: <https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/70328402/202009152014/70486659/diploma/indice>.